ISSN: 2358-8829

LITERACIA SOB A LENTE DA METAETNOGRAFIA: UMA SÍNTESE INTERPRETATIVA ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Adriane Matos de Araujo[1]

INTRODUÇÃO

O cenário educacional contemporâneo é atravessado por processos profundos de midiatização e pela ascensão das Inteligências Artificiais Generativas (IAGen), ferramentas que reconfiguram o acesso, a produção e a disseminação do conhecimento. No âmbito do Ensino Superior, as dificuldades na escrita acadêmica, frequentemente associadas a deficiências formativas anteriores e à sobrecarga docente, são agora complexificadas pela incorporação da IA. Esta tecnologia não se insere de forma neutra, mas é mediada por lógicas algorítmicas, interesses corporativos e representações midiáticas que moldam a percepção de professores e estudantes.

Nesse contexto, emerge o conceito de LiteracIA, definido como a junção entre "literacia" e "IA". Fundamentado no pensamento de Paulo Freire, o termo LiteracIA busca promover uma apropriação tecnológica pautada na cidadania e na crítica aos modos de produção e aos vieses discriminatórios presentes nos algoritmos. A LiteracIA ultrapassa a visão meramente instrumental da capacidade de leitura e escrita, configurando-se como um processo social de participação no significado e uma postura permanentemente curiosa diante da opacidade da caixa preta algorítmica.

A fundamentação teórica articula-se em três eixos principais: o conceito de midiatização (Braga, 2012; Hjarvard, 2015), a crítica ao colonialismo de dados (Couldry; Mejias, 2019) e a perspectiva freireana (Freire, 1996; Coaracy; Farbiarz, 2024). Esses pilares sustentam a LiteracIA como um movimento de apropriação crítico-reflexiva e emancipatória frente à opacidade algorítmica no Ensino Superior.

Este artigo é parte integrante de pesquisa de pós-doutorado e tem como objetivo compreender como os campos da Educação e da Comunicação na atualidade têm

[1] Doutora em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e Professora da UERJ/FFP, adrianematosaraujo@gmail.com ;

ISSN: 2358-8829

conceituado, situado e que abordagens teóricas têm utilizado para tratar a LiteracIA. Para tanto, utiliza-se a metaetnografia como método para sintetizar estudos qualitativos recentes, buscando desenvolver as etapas de tradução, refutação e linha de argumento para consolidar uma base teórica robusta sobre o tema.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A opção metodológica ancora-se na metaetnografia de Noblit e Hare (1988), uma abordagem de síntese qualitativa interpretativa que visa interpretar e explicar dados através de traduções/interpretações que preservam a singularidade dos estudos originais. Diferente da meta-análise quantitativa, a metaetnografia é considerada uma nova escrita etnográfica que amplia a descontinuidade espaço-tempo e reflete as subjetividades do contexto estudado.

Para este artigo, foram percorridas as sete fases do método propostas por Noblit e Hare e detalhadas pelo projeto eMERGe:

Definição da base de dados: Seleção de artigos científicos recentes que discutem IA na educação e comunicação, com foco em periódicos como Artes de Educar, Eco-Pós e Comunicação & Informação.

O processo de coleta e seleção aconteceu da seguinte forma:

Acesso a plataforma de IA chamada Perplexity[2];

Prompt para busca dos artigos:

“Estou estudando Inteligência artificial e a generativa e encontro o termo LiteracIA que é a junção da literacia ou letramento com IA. Sou pesquisadora a nível de pós-doc investigo como os estudantes da graduação e pós-graduação compreendem e atual diante do processo de midiatização da IA nas suas produções e escrita acadÊmica e quero que você faça uma profunda busca em sites de revistas científicas e acadêmicas na área de humanas e sociais de perspectiva crítica e encontre no mínimo 10 artigos relevantes, com boas citações e de revistas de boas notas no Qualis CAPES e faça uma

[2] A busca de artigos contou com o auxílio do Perplexity (Perplexity AI), disponível em: https://www.perplexity.ai. Acesso em: 02 abr. 2026

lista com os nomes e os links de onde acesso o artigo original. Que tenha sido publicado nos últimos 5 anos, de preferEncia nos últimos 2 anos.”

Resposta da plataforma:

“Aqui está uma lista de 12 artigos selecionados de revistas acadêmicas brasileiras (SciELO, Periódicos CAPES), priorizando Qualis A1/A2 em linguística, educação e comunicação, com foco em LiteracIA, letramento em IA, escrita acadêmica e pensamento crítico. Todos publicados nos últimos 5 anos (preferencialmente 2-3 últimos), com acesso aberto aos originais.”

Todas as fontes indicadas foram verificadas por esta pesquisadora nos documentos originais, a partir da leitura dos títulos e resumos desenvolveu-se a seleção e confirmação do uso dos artigos propostos.

Quanto ao processo de leitura e análise:

Leitura dos estudos: Extração de conceitos-chave através de fichamentos.

Determinação das relações: Identificação de convergências e divergências conceituais entre os autores.

Tradução/Interpretação: Processo de tradução recíproca dos significados de um caso para outro, buscando analogias.

Refutação: Confronto de perspectivas divergentes (traduções refutáveis) para identificar tensões e conflitos interpretativos.

Linha de Argumento: Construção de uma nova síntese interpretativa que define o estado da arte e a teoria da LiteracIA.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica articula-se em três eixos principais que sustentam a LiteracIA. O primeiro eixo trata-se da compreensão clara sobre o conceito de midiatização, o segundo eixo discute o conceito de colonialismo de dados e o terceiro eixo aborda a perspectiva freireana que dá base a compreensão do conceito.

1. Midiatização e a Lógica Algorítmica

ISSN: 2358-8829

A midiatização transcende o uso pontual da mídia, isso porque ela altera fundamentalmente as bases da vida social e cultural (Braga, 2012; Hjarvard, 2015; Couldry; Hepp, 2020). Isso significa que instituições, currículos e as próprias subjetividades de estudantes e professores são moldados pela presença das ferramentas de IA e suas lógicas midiáticas nas práticas pedagógicas e acadêmicas. Entende-se que a IA atua como um ator com agência que reconfigura as relações de poder e influencia a construção de sentidos e representações sobre o mundo (Pariser, 2011; Pernisa Jr.; Fava, 2015; Araujo, 2025).

A fundamentação deste eixo ancora-se nas teorias sobre midiatização baseada nos estudos de Braga, 2012; Hjarvard, 2015; Couldry; Hepp, 2020. Os autores demonstram que as mídias digitais e a IA deixaram de ser meros suporte técnicos para se tornarem ambientes estruturantes da cultura e das subjetividades.

Vale frisar que discussões sobre cultura, bolhas e modulação algorítmica também estão sendo fundamentadas neste trabalho. A relação entre cultura cotidiana e mediação comunicacional apoia-se em Martín-Barbero e Barcelos (2000), enquanto a crítica aos filtros-bolha e à modulação algorítmica da visibilidade reporta-se aos achados de Pariser (2011), Pernisa Jr. e Fava (2015), Timponi e Evangelista (2025) e na pesquisa de pós-doutorado de Araujo (2026).

2. Colonialismo de Dados e a Não-Neutralidade

Entende-se que a IA é reflexo dos dados com os quais foi treinada, carregando vieses inerentes a seus desenvolvedores e ao processo de colonialismo de dados (Couldry; Mejias, 2019; Silva, 2020). Autores como Zuboff (2020) e Crawford (2021) salientam que este processo consiste na apropriação da vida humana convertida em dados para a lucratividade de corporações tecnológicas. Portanto, fica claro que não há neutralidade tecnológica. Pelo contrário, a definição e o uso da IA são imbricados em disputas que favorecem as elites do Norte Global (Verdegem, 2022). As discussões que Freire e Guimarães (2013) trazem, nos instigam às seguintes reflexões críticas: "A IA está a serviço de quem?", “a máquina é programada por quem?”.

Diante disso, as discussões de Couldry e Mejias (2019) que tratam sobre o colonialismo de dados complementam as análises sobre o capitalismo de vigilância e assimetrias geopolíticas da Big Tech em Zuboff (2020), Crawford (2021) e Verdegem (2022). O desvelamento do racismo algorítmico e dos vieses embutidos nos conjuntos

ISSN: 2358-8829

de dados ampara-se nas pesquisas de Silva (2020). A denúncia da falsa neutralidade tecnológica e o questionamento político "a serviço de quem" decorrem das proposições de Freire e Guimarães (2013) e da articulação contemporânea desenvolvida por Coaracy e Farbiarz (2024).

3. Perspectiva Freireana e a Educação Libertadora

A LiteracIA inspira-se na Pedagogia da Autonomia de Freire (1996), onde a curiosidade crítica é a defesa contra o tecnicismo, também apontado por Coaracy e Farbiarz (2024). Freire nos ensina que a educação não deve ser bancária, compreendida como a mera transferência de saber ou receitas sobre prompts, mas dialógica, reconhecendo que a curiosidade humana é o motor para desmistificar a aparente inocência da técnica e transformá-la em ferramenta de emancipação (Freire, 2000; Freire; Guimarães, 2013; Kalantzis; Cope, 2024).

Este pilar constitui a matriz epistemológico-pedagógica da LiteracIA. Fundamenta-se na obra clássica de Paulo Freire (1970, 1996, 2000), especificamente nos conceitos de superação da educação bancária, comunicação dialógica e curiosidade crítica/indócil. A relação política entre educação e tecnologias é balizada no diálogo com Sérgio Guimarães (Freire; Guimarães, 2013). A atualização dessa matriz pedagógica para os modelos gerativos de IA apoia-se em Coaracy e Farbiarz (2024), Kalantzis e Cope (2024) e Silva, Fiuza e Giacomazzo (2025).

Em suma, a articulação desses três eixos demonstra que a LiteracIA não pode ser reduzida a um adestramento técnico ou à mera instrução operacional sobre a formulação de prompts. Ao entrecruzar a compreensão da midiatização das práticas acadêmicas (Braga, 2012; Hjarvard, 2015), a denúncia da não-neutralidade e das assimetrias geopolíticas do colonialismo de dados (Couldry; Mejias, 2019; Silva, 2020) e o resgate da pedagogia dialógica e emancipatória (Freire, 1996; Coaracy; Farbiarz, 2024), constrói-se um alicerce teórico que recusa tanto o deslumbre tecnológico quanto a rejeição proibidora no Ensino Superior.

Assim, a LiteracIA consolida-se como uma epistemetodologia e um movimento de apropriação crítico-reflexiva indispensável para a preservação da agência humana, da autoria e da ética na produção científica. Trata-se de uma postura de cidadania digital e curiosidade indócil que capacita docentes e estudantes a desmistificar a chamada caixa

preta das inteligências artificiais generativas, garantindo que a tecnologia permaneça a serviço da emancipação humana e da construção autônoma do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tradução e Interpretação Recíproca das Temas Centrais discutidos nos artigos

A quinta fase da metaetnografia consiste no processo analítico de tradução recíproca dos estudos entre si, buscando estabelecer analogias e correspondências conceituais diretas entre os achados (Noblit e Hare, 1988; Araujo, 2022). A síntese qualitativa revelou três eixos de convergência fundamentais que articulam a teoria da LiteracIA:

1.1. A Desmistificação da Caixa Preta e a Consciência da Opacidade Algorítmica

O primeiro núcleo de tradução recíproca reside no combate ao antropomorfismo e à sacralização da tecnologia. Coaracy e Farbiarz (2024) recuperam a metáfora formulada por C. D. Martin (1993) sobre o mito da incrível máquina pensante. Isto é, uma crença alimentada por coberturas midiáticas otimistas que retratam os computadores como cérebros ilimitados e misteriosos. Essa fascinação acrítica é denunciada pelos autores como um mecanismo ilusório que mascara o funcionamento real das Inteligências Artificiais Generativas.

Na tradução mútua com os estudos de Timponi e Evangelista (2025) e Silva, Fiuza e Giacomazzo (2025), consolida-se a compreensão de que os Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) não possuem consciência, intencionalidade ou raciocínio autônomo. Conforme demonstrado pela formulação de Kalantzis e Cope (2024), a máquina opera exclusivamente por transposição textual e cálculos probabilísticos de tokens binários em redes neurais convolutas e arquiteturas de transformadores. Trata-se de uma caixa preta cujos cálculos estatísticos massivos inviabilizam o rastreamento exato do modo como a próxima palavra foi selecionada.

No processo de tradução recíproca entre os textos que convergiam, entende-se que a LiteracIA exige desmistificar a falsa magia algorítmica. Entender que o robô não pensa, mas realiza operações de notação binária e estimativas probabilísticas a partir de imensos bancos de dados datificados, é a precondição epistemológica para que estudantes e professores exerçam um papel ativo e não sejam capturados como meros consumidores acríticos.

ISSN: 2358-8829

Essa opacidade torna-se ainda mais crítica com a emergência dos agentes inteligentes em enxame na pesquisa acadêmica (Macedo, 2024; Timponi e Evangelista, 2025). Plataformas automatizadas como ChatGPT, DeepSeek, Consensus e Research Rabbit passam a realizar a mineração preditiva e o resumo de dados em lugar do pesquisador, criando o risco de alucinações algorítmicas (geração de citações e referências inexistentes) e de amplificação do racismo algorítmico e dos vieses históricos presentes nos dados de treinamento (Silva, 2020; Silva, Fiuza e Giacomazzo, 2025).

1.2. A Preservação da Agência Humana, da Autoria e da Assinatura Pessoal

O segundo núcleo tradutório aborda diretamente o impacto da IAGen na escrita e produção acadêmica. As evidências colhidas nas investigações empíricas com graduandos (Deus e Magalhães, 2025) e nas escutas etnográficas com estudantes de graduação e pós-graduação da UFF (Araujo, 2025) demonstram uma quebra de paradigma na relação dos sujeitos com a tecnologia.

Ao contrário da visão catastrófica que antevia a simples terceirização do pensamento ou o plágio generalizado, os relatos dos estudantes indicam o uso equilibrado da ferramenta. Os graduandos aprendem a delegar à IA as etapas mais braçais e extenuantes do trabalho acadêmico (revisões sintáticas iniciais, organização de cronogramas, ideias de diagramação e levantamentos preliminares de dados), preservando para si a escolha reflexiva, a checagem das fontes, a apuração crítica e o que qualificam como o toque pessoal e a assinatura autoral da produção final (Deus e Magalhães, 2025).

Nesses estudos percebe-se que:

Trabalho Braçal vs. Trabalho Cognitivo: A inteligência artificial é apropriada como ferramenta de suporte operacional, liberando tempo intelectual para a investigação aprofundada e para a validação metodológica.

Rastreabilidade e Contratos Didáticos: Propostas como as de Mollick e Mollick (2023) e Turbin et al. (2024) traduzem-se na necessidade de pactuar acordos de transparência em sala de aula, exigindo a inclusão de relatórios de uso de prompts e declarações de finalidade.

1.3. A Superação da Visão Bancária e o Resgate da Pedagogia Dialógica Freireana

ISSN: 2358-8829

O terceiro eixo de tradução recíproca reconecta a tecnologia à matriz política e pedagógica de Paulo Freire. Em diálogo com as reflexões de Freire e Guimarães (1984), Coaracy e Farbiarz (2024) e Araujo (2025) sustentam que qualquer discussão sobre tecnologia é, em sua essência, uma discussão sobre poder e política. A célebre formulação freireana: "Eu não sou contra o computador; o fundamental seria nós podermos programar o computador. É a questão do poder: é saber a serviço de quem ele é programado para nos programar", ganha atualidade ímpar na era das Big Techs.

Os estudos convergem ao denunciar que o avanço descontrolado da IA insere-se na dinâmica do colonialismo de dados (Couldry e Mejias, 2019), onde a própria vida humana é convertida em dados apropriados pelo capitalismo informacional das corporações do Norte Global. Enfrentar essa realidade exige recusar a educação bancária (que se limitaria a transmitir receitas prontas de prompts aos estudantes) e promover a comunicação dialógica e a curiosidade crítica indócil (Freire, 1996), permitindo que professores e estudantes atuem como coautores e sujeitos transformadores de suas realidades.

2. Tradução Refutável: Tensões e Conflitos Interpretativos no Campo

Conforme destacam Noblit e Hare (1988) e Araujo (2020, 2022), a metaetnografia não visa apagar os conflitos teóricos ou produzir um consenso artificial, mas valorizar a tradução refutável. Isto é, valoriza a identificação de pontos de tensão e contradição analítica entre os estudos. O quadro abaixo explicita a matriz de tradução recíproca e refutável estruturada a partir da análise dos achados.

Quadro 1 - Tradução Recíproca e Tradução Refutável dos Achados

Eixo Analítico	Estudos em Confronto	Tradução Recíproca (Analogias)	Tradução Refutável (Tensões do Campo)
Percepção do Impacto na Aprendizagem	Turbin et al. (2024); Silva et al. (2025) vs. Diego de Deus & Magalhães (2025)	Concordam que o uso acrítico de respostas únicas gera alucinações e afeta o rigor científico.	Refutação: Enquanto Turbin et al. e Silva et al. alertam para a inércia, passividade e preguiça cognitiva trazidas pela cultura do copia-e-cola, Diego de Deus refuta a passividade, demonstrando

			empiricamente que os alunos usam a IA para solucionar entraves operacionais mantendo o controle criativo autoral.
Escopo do Enquadramento de LiteracIA	Coaracy e Farbiarz (2024); Araujo (2025) vs. Timponi e Evangelista (2025); Silva et al. (2025)	Reconhecem que a formação tecnológica deve ir além do mero domínio instrumental de ferramentas.	Refutação: Coaracy e Farbiarz e Araujo priorizam um enquadramento macrossocial e político-emancipatório (contra quem a máquina se faz), enquanto Timponi e Evangelista e Silva et al. focam em um enquadramento pragmático-cognitivo voltado ao letramento em dados, curadoria e frameworks internacionais da UNESCO.
Paradigma de Avaliação Acadêmica	Araujo (2020, 2025); Mollick e Mollick (2023) vs. Modelos Tradicionais de Ensino Superior	Coincidem em apontar que a IA é capaz de gerar textos fluidos de forma instantânea.	Refutação: A proliferação de escritas sintéticas refuta a validade da avaliação focada no produto textual final impresso. Propõe-se o deslocamento do produto para a avaliação do processo de investigação (portfólios, rascunhos, registros de prompts e defesa oral).

Fonte: a autora (2026)

2.1. Ameaça Existencial e Depredação Cognitiva vs. Ferramenta Calma de Apoio

A análise das refutações revela uma importante tensão no campo. Autores com foco em diagnósticos preventivos (Silva, Fiuza e Giacomazzo, 2025; Turbin et al., 2024) sublinham que a facilidade dos chatbots em entregar textos prontos estimula uma inércia reflexiva em estudantes habituados à cultura do copia-e-cola, enfraquecendo a capacidade de pesquisa autônoma em fontes primárias.

Em contraponto, o estudo empírico de Diego de Deus e Magalhães (2025) refuta a tese da inércia inevitável. Os dados de sala de aula demonstram que, quando enquadrados por práticas preparatórias de letramento, os alunos transformam a IA no que Weiser e Brown (1996) definiram como Tecnologia Calma. A tecnologia calma trata-se de uma inovação que se desloca do centro de sobressalto para a periferia da

ISSN: 2358-8829

atenção cotidiana, naturalizando-se como suporte útil (a exemplo da energia elétrica ou dos buscadores da web). Os jovens universitários não utilizam a IA para substituir o pensamento, mas para resolver gargalos pontuais, exigindo ativamente manter o domínio sobre o resultado final.

2.2. Visão Macrossocial Político-Emancipatória vs. Matriz Pragmático-Cognitiva

Outra refutação mapeada refere-se ao horizonte de atuação do letramento. Enquanto a vertente freireana (Coaracy e Farbiarz, 2024; Araujo, 2025) insiste na dimensão politico-emancipatória, as abordagens fundamentadas na Ciência da Informação e Didática (Timponi e Evangelista, 2025; Silva et al., 2025) alinham-se aos guias internacionais da UNESCO (2022, 2024). A dimensão politico-emancipatória exige que a LiteracIA questione os custos ecológicos planetários, a extração de minérios e dados no Sul Global e a geopolítica do conhecimento enfatizando o desenvolvimento de competências pragmáticas. Entretanto os guias, apontados pelos autores, valorizam o Prompt Engineering, o Data Literacy e a gestão da infodemia por agentes inteligentes. Essa tensão demonstra que a LiteracIA precisa integrar organicamente as duas dimensões sem reduzir-se a nenhuma delas.

3. Linha de Argumento: Para uma Teoria da LiteracIA

A sexta fase da metaetnografia consiste na construção da Linha de Argumento, etapa na qual as traduções recíprocas e as refutações são sintetizadas em um modelo conceitual abrangente de 3ª ordem (Noblit e Hare, 1988; Araujo, 2020). O quadro abaixo consolida a matriz da Linha de Argumento sobre a teoria da LiteracIA.

Quadro 2 - Sintetização da Linha de Argumento sobre a LiteracIA

Dimensão Sintética	Conceituação Metaetnográfica de 3ª Ordem	Implicação Prática para a Orientação e Pós-Graduação
1. Dimensão Epistemológico-Crítica	A LiteracIA é uma postura de desvelamento da opacidade algorítmica; recusa a atitude ingênua de encarar a IA como magia ou mente pensante, reconhecendo-a como transposição estatística de tokens condicionada pela datificação do capitalismo informacional.	Adoção obrigatoria de checagem humana de fontes; verificação sistemática contra alucinações; investigação da procedência das bases de treinamento de LLMs nos projetos de pesquisa.

2. Dimensão Comunicacional - Plataformizada	A LiteracIA é um processo social de participação no significado (Kalantzis e Cope) que exige manter uma atenção periférica atenta (Weiser e Brown), impedindo que a IA se invisibilize como tecnologia calma alheia às lógicas de controle corporativo.	Desenvolvimento de competências em curadoria algorítmica por agentes em enxame; combate ao racismo algorítmico e aos vieses do Norte Global; promoção da soberania digital.
3. Dimensão Pedagógico - Emancipatória	A LiteracIA é um movimento de apropriação ético-reflexivo centrado na agência humana e na pedagogia dialógica de Paulo Freire, estimulando a pergunta 'a serviço de quem o computador é programado para nos programar'.	Pactuação de contratos didáticos e políticas de transparência; reestruturação da avaliação acadêmica com foco no processo de investigação, rascunhos e portfólios reflexivos.

Fonte: a autora (2026)

Diante do exposto, entende-se que a Linha de Argumento sintetizada nesta seção demonstra que a LiteracIA não é uma capacidade técnica estática ou um conjunto de instrução de prompts, mas sim uma epistemetodologia e um movimento de apropriação crítico-reflexiva. Ela faculta ao sujeito a capacidade de circular com autonomia na cultura da plataformização, explorando os ganhos de eficiência trazidos pela automação sem abdicar da autoria, da ética e do rigor científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metaetnografia permitiu concluir que o campo da educação e comunicação transita de uma postura reativa para uma tentativa de governança ética e pedagógica da IA. A LiteracIA emerge como um requisito inegociável para a cidadania digital, permitindo que pesquisadores e estudantes naveguem na cultura da plataformização com autonomia intelectual.

As reflexões sintetizadas reforçam a importância de políticas institucionais que promovam a LiteracIA não apenas como treinamento técnico, mas como uma epistemetodologia que valoriza o rigor científico, a ética e a agência humana frente à automatização. Conclui-se que o papel do pesquisador é o de um mediador crítico, capaz de utilizar as potencialidades da IA sem abdicar da capacidade investigativa própria do humano.

Palavras-chave: LiteracIA; Educação Midiática; Metaetnografia; Inteligência Artificial Generativa; Letramento Midiático; Midiatização

REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. M. Imagem etnográfica da sala de aula: metaetnografia das pesquisas do Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU) no período de 1984 a 2016. 2020. **Tese** (Doutorado) - UERJ, Rio de Janeiro.

ARAUJO, Adriane Matos de. IA Generativa, Midiatização e Escrita Acadêmica. **Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado** – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC), Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2025.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais**. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). Mediação & midiatização. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 29-52.

COARACY, Lucas Lima; FARBIARZ, Alexandre. **Diálogos freirianos e inteligência artificial**: caminhos para uma literacia. Revista Interinstitucional Artes de Educar, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 356-374, ago./dez. 2024. DOI: 10.12957/riae.2024.86241.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade.** Tradução de Liriam Sifuentes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2020.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises Ali. **The costs of connection**: How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

CRAWFORD, Kate. **Atlas of AI:** Power, politics and the planetary costs of artificial intelligence. New Haven and London: Yale University Press, 2021.

FRANCE, E. F. et al. **Improving reporting of meta‐ethnography**: The eMERGe reporting guidance. Research Methodology, 2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 22. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 2020 .

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020 .

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020 .

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia:** novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 .

HJARVARD, Stig. **Da Mediação à Midiatização**: a institucionalização das novas mídias. Parágrafo, v. 2, n. 3, p. 51-62, jul./dez. 2015.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. **Literacy in the Time of Artificial Intelligence**. EdArXiv Preprints, 3 abr. 2024. DOI: 10.35542/osf.io/es5kb.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; BARCELOS, Cláudia. **Comunicação e mediações culturais.** Diálogos Midiológicos, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 12-28, 2000.

NOBLIT, G.; HARE, R. **Meta-ethnography synthesizing qualitative studies**. Newbury Park: SAGE, 1988.

PARISER, Eli. **O filtro invisível:** o que a internet está escondendo de você. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PERNISA JR., Carlos; FAVA, Fabricio. **A lógica dos algoritmos e as redes sociais digitais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2015. p. 1-15.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da; PIRES, Thalia da Silva; WENDT, Lucas George. **Do colonialismo histórico ao colonialismo de dados:** reflexões sobre a relação entre Big Data e o sujeito. Logeion: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 75-90, 2023.

SILVA, Juliana Pires da; FIUZA, Patricia Jantsch; GIACOMAZZO, Graziela Fátima. **IAs Generativas na Educação:** o Letramento em IA e o Pensamento Crítico como caminhos possíveis para o uso consciente. RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 1-12, dez. 2025.

SILVA, Tarcízio. **Visão computacional e racismo algorítmico:** branquitude e opacidade no aprendizado de máquina. Revista ABPN, v. 12, p. 428-448, 2020.

TIMPONI, R.; EVANGELISTA, R. L. **Letramento midiático, algorítmico e inteligência artificial:** o papel dos agentes inteligentes na curadoria da pesquisa acadêmica. Revista Eco-Pós, v. 28, n. 1, 2025.

VERDEGEM, Pieter. **Dismantling AI capitalism: the commons as an alternative to the power concentration of Big Tech.** AI & Society, v. 39, p. 727-737, 2022.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância:** a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020 .